

# **O Deus criador e o homem consumidor\***

Gerd Uwe Kliewer

## **1. O HOMEM – SENHOR DA TERRA**

Lemos em Gênesis 1,28-30:

“E Deus os (homem e mulher) abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja sobre a terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra, e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.”

Essas palavras do Deus Criador, relatadas no início da Bíblia, entregam a terra e tudo que nela se encontra ao domínio da última criação de Deus, o homem. Feito à imagem de Deus, ele seria mordomo de Deus aqui na terra, com o direito de usufruir de todos os recursos, animados e inanimados, de que ela dispunha. Ele foi feito “por um pouco menor que Deus” (Salmo 8). O “multiplicai-vos e sujeitai a terra” foi uma ordem que o homem logo acatou. E o relato termina: “E Deus viu tudo quanto fizera e eis que era muito bom.” (Gn 1,31).

Mas não ficou tão bom assim. Já nos capítulos dois e três de Gênesis nos são relatadas as dificuldades que o homem cria. Colocado no jardim dessa terra para cuidar dele, ele começa a se aproveitar também daquilo que lhe fora vedado. Insuflado pela serpente, ele sucumbe à tentação. “Sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.” Ser como Deus, conhecedor de todas as coisas boas ou más, não seria esse o máximo em poder que o homem poderia imaginar? Não depender mais das orientações divinas, saber de própria capacidade o que se pode e o que não se pode, conhecer as causas e os efeitos não seria isso a realização completa do domínio sobre a terra?

---

\* Palestra proferida no 6º Concílio Regional da Região Eclesiástica II da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Pomerode/SC. (1º de setembro de 1979).

E os homens comem do fruto proibido. E "abriram-se, então, os olhos de ambos; e perceberam que estavam nus." Estavam nus, desprotegidos. Cairam fora da boa criação. "Maldita a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela também produzirá cardos e abrochos... No suor do teu rosto comerás o teu pão." (Gn 3,17-19) Expulso do paraíso, o homem se lança à árdua tarefa de sobreviver. Começa a história do homem que, numa longa caminhada e luta com a natureza, se expande por toda a terra.

Cito estes relatos do início da Bíblia, não para mostrar os inícios da vida humana e dos problemas nesta terra, mas porque eles ilustram de maneira plástica a antropologia que se desenvolveu a partir da religião judaico-cristã na cultura ocidental: a idéia de que o homem foi colocado nesta terra para dominá-la, para tirar dela o seu sustento material; que ele pode se aproveitar dos animais, das plantas, das forças da natureza, pode subjugar-las, destruí-las, quando isso for para o seu bem ou do seu interesse. Que ele devia encher a terra, multiplicar-se. Verdade é que ele deveria fazer isso como mordomo de Deus, dentro dos preceitos divinos, como "zelador do jardim", mas a história da queda nos mostra o fato de que, na realidade, esta dominação se realizou em inimizade com a natureza. O homem partiu para combater "os cardos e abrochos", comendo o seu pão "no suor do seu rosto", em sofrimento.

O resultado está aí. É o nosso mundo industrializado que através da divisão do trabalho, da racionalização, do desenvolvimento dos métodos de produção conseguiu criar condições de vida para 4 bilhões de homens – dos quais um bilhão ou mais estão prestes a morrer de inanição, mas isto, por enquanto é outro problema. De fato o homem conseguiu um enorme aumento da produção de bens disponíveis para o seu consumo, controlou as forças dos ventos e das águas, transformando-as em energia, para o seu uso, aprendeu a usar o átomo para os seus fins. Através de fertilizantes, defensivos agrícolas e seleção e manipulação de sementes forçou as plantas a crescerem segundo a sua vontade. Manipulou os animais, dando-lhes características que eram do seu interesse. A uma vaca ele deu um úbere enorme e induziu-a a produzir grandes quantidades de leite; à outra ele deu coxões carnudos e lombos largos, para a produção de carne. E ele está prestes a mexer na sua própria substância genética. Quanto tempo durará até que criaremos o homem de crânio aumentado e pernas e braços atrofiados, para o trabalho intelectual, e outro, com braços e pernas musculosas, mas pouco crânio para o trabalho braçal? Ou o homem teleguiado? Não há dúvidas que investidas nesta direção estão perfeitamente dentro do alcance do homem, e seduzem muitos cientistas. O homem, de mero zelador e mordomo, tornou-se

manipulador da criação de Deus. Transforma a face da terra e as criaturas que nela vivem conforme as suas necessidades. Mas, faz isso a partir da alienação da boa criação de Deus, originada na queda no paraíso. Apodera-se da criação, esquecendo a responsabilidade frente à criação.

A história econômica do homem é a história do progresso na dominação e exploração da terra. Se nos tempos pré-históricos o homem subsistia à base do que a flora e a fauna natural livremente lhe cediam, não demorou que ele aprendesse a lavar a terra para arrancar-lhe os frutos. Descobriu os metais, as vantagens do comércio, a utilidade de ferramentas e máquinas. Multiplicou as suas forças através da energia hidráulica, elétrica e o uso de combustíveis. A Ciência se libertou de Deus e, pretensa ou realmente, dedicou-se a desvendar os mistérios da criação.

Esse processo, lento e demorado no início, entrou num ritmo acelerado com o surgimento do sistema capitalista. Foi esta forma de organização econômica e social que, impulsionada pela procura do lucro, dinamizou a economia, fazendo surgir a produção industrial e o comércio internacional. Na sua procura pelo lucro, o capital se expandiu por todos os continentes, dominou todas as culturas, penetrou nas entranhas da terra na procura de transporte rápido.

A nossa terra, neste processo, se transformou numa grande cidade. Continentes, países, culturas tornaram-se interdependentes. Acontecimentos no oriente longínquo repercutem no último canto da Amazônia e vice-versa. Um exemplo, tirado do relatório de Mesarovi e Pestel ao Clube de Roma: No inverno de 1971/72 ocorreram na Europa Oriental temperaturas excepcionalmente baixas. Uma das conseqüências foi que 1/3 do trigo hibernal foi destruído pelo frio na União Soviética. Apesar disso, na primavera subsequente, a área plantada com trigo não foi aumentada – talvez por incompetência de algum funcionário ou escritório de planejamento? O resultado foi a falta de trigo na União Soviética em 1972. Para suprir o déficit de trigo, a União Soviética tomou um crédito dos Estados Unidos, comprando, com ele, uma parte das reservas deste país. Um primeiro resultado foi que nos Estados Unidos e no mercado internacional o preço do trigo duplicou. No mesmo ano, devido a variações do monção, a Índia teve quebra nas suas safras. Acrescentaram-se secas na China e na África Central. A China, dotada de melhor poder aquisitivo, adquiriu as sobras das reservas de trigo. Para as outras regiões não havia mais recursos. Centenas de milhares de pessoas morreram na África Central e na Índia. Um único erro de um departamento de planejamento que deixou de adaptar os planos de plantio teve conseqüências em todos os continentes, incluindo protestos de donas de casa contra a alta do

custo de vida nos Estados Unidos e inúmeras mortes na África e na Índia.

A este exemplo poderiam ser acrescentados outros. Podemos aprender dele que hoje em dia não existem mais problemas locais, que desacertos num lugar sempre atingem toda a humanidade. As soluções, portanto, só podem ser globais. Mas onde estão essas soluções?

## 2. O NEGÓCIO COM A LOUCURA HUMANA

De fato só acontece que a exploração se tornou global, mas a responsabilidade (melhor irresponsabilidade) permanece particular, individualista e egoísta. Com o enorme sistema de produção que o homem montou, ele devora os recursos da terra. O fato que mais preocupa no momento é que até o ano 2000 as reservas de petróleo estarão esgotadas. Em 1974 um estudo chegou à conclusão de que as reservas de chumbo terminariam em 22 anos, de estanho em 22 anos, de cobre em 44 anos, de ferro em 75 anos. Nos anos 69 e 71, através de novas técnicas de pesca modernizadas, foram retiradas enormes quantidades de anchovas do mar na costa do Peru. Após três anos de exploração predativa os peixes terminaram, e a sua recuperação demorou anos. A ação exploradora do homem transforma campos em desertos no Rio Grande do Sul, matos em terra estéril na Amazônia, rios de águas límpidas em cloacas em todo o mundo. E não parece possível parar. A máquina tornou-se autônoma e corre sempre a maior velocidade, arrastando o homem – que devia governá-la – consigo.

Mas, se não é o homem, qual é a força motriz que move a máquina? Não é o homem que aciona a máquina, que produz mercadorias, alimentos, aparelhos? E essa máquina não trabalha para o homem, para o seu bem, não é ele quem consome os produtos das fábricas, da lavoura mecanizada, da produção racionalizada de frangos e bois? De fato, o homem é ao mesmo tempo agente e objeto neste processo. De um lado ele aumenta a produção sempre mais para fazer render o seu capital investido, de outro lado ele é coagido sempre mais a consumir para que a máquina não precise parar. Em velocidade crescente consumimos carros, eletrodomésticos, televisores, rádios, embalagens, latas – já vejo surgir uma lei que obriga todo motorista a trocar de carro cada cinco anos, só para garantir mercado às indústrias de automóveis. Chegamos ao absurdo de, para transportar um homem de um lugar para o outro, sempre levarmos uma a duas toneladas de ferro e outros materiais junto, movidos a combustão de gasolina escassa ou, como inovação, a álcool.

É verdade que viver é também consumir. Mas consumir não é o sentido da vida, como nos querem fazer crer os produtores de bens de consumo. "Quem compra um PASSAT, não compra um carro, compra uma posição!" Consumo como meio para realizar-se pessoalmente. Chegamos a um ponto em que a indústria primeiro produz a demanda, seduzindo as mentes das pessoas, para depois supri-la com os seus produtos.

E o homem caiu nessa armadilha. Vai consumindo o seu mundo com velocidade crescente. Vai extinguindo espécies animais da face da terra. Vai poluindo as águas dos rios e mares – há a previsão do ecólogo prof. Ehrlich, que a partir de 1980 os oceanos começariam a morrer e em 2000 os mares estarão irremediavelmente perdidos para a vida biológica.

Eu disse que o homem faz essas coisas. Mas isso é uma generalização indevida. Os homens são muitos, suas situações são diferentes... O índio por acaso polui o ambiente com os gases do seu carro? O caboclo infesta os rios? Qual é a quantidade de ferro, de energia elétrica, de defensivos químicos que o camponês do interior da África gasta? A nossa realidade mundial é que poucos gastam desmedidamente, enquanto que a maioria sofre privações. Sabe-se que os Estados Unidos gastam mais do que um terço das matérias primas existentes no mundo, com uma população que perfaz só 5% da população mundial. Se todos os homens se alimentassem segundo os padrões dos EUA, os alimentos disponíveis no mundo não sustentariam mais que 1,2 bilhão de pessoas. Os países industrializados EEUUAA, Europa, União Soviética consomem mais que 80% da produção de petróleo, sem remorsos, pagando qualquer preço, insistindo em acelerar os seus carros até a velocidade máxima, e subtraindo, assim, o petróleo a outras nações que dele dependem para sobreviver e desenvolver-se. Estes países retiram as suas matérias primas predominantemente dos países dependentes, por preços aviltados na maioria das vezes. O luxo e o desperdício nas nações industrializadas é pago pelas nações dependentes; em outras palavras, um terço dos homens (ou já é um quarto?) vive bem à custa dos outros que lutam pela sobrevivência.

Essa mesma situação temos também no nosso país. É suficientemente conhecido que São Paulo funciona como uma enorme bomba que suga recursos, capitais e mão de obra dos outros Estados brasileiros, mantendo assim um nível de vida muito superior ao nível médio no Brasil. Sabemos que 10% dos brasileiros se apropriam de 54% da renda nacional. Já nos ocorreu uma vez que todo esse problema de importação de petróleo interessa primordialmente a esses 10% mais abastados e talvez ainda o decil seguinte, mas que o preço do petróleo é pago por todos os brasileiros através da exportação de bens que eles produzem e que

faltarão no mercado interno? Já imaginamos uma vez o que aconteceria se todos os brasileiros, como nós, fizéssemos questão de ter um carro próprio e andar com ele, de possuir casa na praia, de comer como nós comemos? Haveria petróleo, praia, comida para tantos?

Parece-me que nessa desigualdade acentuada que divide os homens reside o maior impedimento para o uso sensato e responsável dos recursos da terra. Onde há desigualdades acentuadas, atrofiam-se a comunicação e a compreensão mútua. O outro é visto como alguém que ambiciona as minhas posses, coloca em perigo as minhas propriedades. Temos medo um do outro. Sempre me impressiono vendo as providências que as pessoas de bem e de bens tomam para proteger as suas propriedades. São cadeados, sistemas de alarme, revólveres, cachorros, vigias... Um tema predileto nas conversas de donos e donas de casa são os roubos, os assaltos,. O mesmo medo se manifesta a nível internacional. Os países comunistas temendo que os países capitalistas querem dominá-los. Os países do Terceiro Mundo sofrendo a opressão dos países industrializados, e estes, conscientes da sua opressão, temem a vingança.

Da maneira mais absurda esse medo tem-se manifestado na corrida armamentista. Só as armas parecem dar segurança, onde um teme o outro; cada ameaça tem que ser respondida com uma ameaça maior. Se os Estados Unidos e a União Soviética acionassem todo o seu arsenal acumulado, daria para destruir 66 vezes a terra. Anualmente são investidos no mundo, 300 bilhões de dólares em armamentos, o que corresponde a 1,5 vezes o PNB do Brasil (esta quantia não inclui os outros gastos militares). Quantos homens já morreram porque os países industrializados preferiram investir em armamentos em vez de pagar preços justos no mercado internacional? E quantos morreram porque os governos de seus países acharam mais importante comprar armas do que alimentos? É o "negócio da loucura humana" como diz um dos grandes comerciantes de armas de Londres. (Veja, 22 de agosto de 1979, p. 100)

No seu trajeto através da história o homem – ou, para ser mais exato, os homens que detêm o controle dos bens dessa terra, que são uma minoria – realmente se tornou semelhante a Deus. Não conseguiu poder para criar o mundo, mas acumulou poder para destruí-lo de várias maneiras: através do seu arsenal acumulado, através do esgotamento dos seus recursos, através da poluição, através da superpopulação...

Se nós abordamos o tema dessa maneira, isto é, a partir da responsabilidade humana, então tem razão o redator do Jornal Evangélico que escreveu no último número: "Muito mais que nos

recursos energéticos do subsolo, a verdadeira crise se localiza em camadas profundas do próprio ser humano..." Sim, a crise não é da terra, não da criação e do criador, mas é do homem e do mundo que ele criou.

### 3. E DEUS COM ISSO?

Não estranha que frente à situação descrita, a cristandade está desconcertada. Como acreditar num Deus todopoderoso, misericordioso e amoroso, se a existência da humanidade nesta terra está ameaçada? Como acreditar num Deus justo, se a injustiça destrói as minhas chances de vida? São perguntas inquietantes e vamos encontrar três tipos de respostas:

a) **A resposta deísta:** Há não muito tempo o programa "Fantástico" da Globo divulgou com bastante estardalhaço a notícia de que a ciência teria descoberto Deus. Basicamente se afirmava que a ciência, pesquisando os princípios do universo, chegara à conclusão que o universo realmente teve um início ( uma afirmação que toda religião faz, também a cristã), e que este início – há bilhões ou trilhões de anos – consistiria numa grande explosão, cujos ecos no espaço certos cientistas pretendiam ter captado através de certos aparelhos (a mim me pareceu mais uma tapeação). Essa explosão teria lançado grandes quantidades de matéria e de energia para o espaço, dando assim origem ao nosso universo. Onde há uma explosão, deve haver uma força que a causa. Esta causa, este princípio do nosso universo seria Deus, o Criador. Deus, por assim dizer, teria lhe dado as leis da natureza, colocado o aparelho em andamento e agora está lá longe, no princípio dos tempos, observando como a máquina corre, como a história, já pré-definida, segundo as leis inexoráveis da natureza, se desenrola. É essa uma típica concepção deísta. Os que a ela se apegam, crêem que a história do homem é um contínuo progresso, que as coisas são assim porque foram feitas assim por Deus, que justiça e injustiça, desigualdade entre os homens, sofrimento e alegria, em última análise não são outra coisa que acompanhantes necessários desse progresso. Talvez também admitam que o mundo possa ir "pro brejo", pois onde há um princípio, há também um fim.

b) **A resposta apocalíptica:** Outros, desesperados com a situação da humanidade, recorrem aos textos proféticos e apocalípticos e interpretam os acontecimentos atuais como "sinais dos tempos". Não diz no Evangelho que haverá "guerras e rumores de guerras", que "nação se levantará contra nação", que "haverá fomes e terremotos em vários lugares" que se multiplicará a

“iniquidade” e o amor se esfriará, antes da vinda triunfal do Senhor? Não é isso que acontece no presente? O sol não se escurece pela poluição das nossas fábricas? E quem, num dia de inversão térmica em São Paulo, ainda consegue ver a lua e as estrelas? Tudo isso já está previsto em Mt 24 e não passa de indícios da próxima volta do Filho de Deus na sua glória que virá “para julgar os vivos e os mortos”. Portanto, não há o que reclamar, a tribulação tem que ser agüentada, pois só quem perseverar até o fim será salvo (Mc 13,13). Há muitos pastores, comunidades e grupos religiosos que montam sobre essa onda apocalíptica com muito êxito. Para eles, o mal, o desperdício, a injustiça, a irresponsabilidade consumista têm a sua explicação, significam o último esforço do príncipe do mal que procura manter o domínio da terra, mas que será lançado no “lago de fogo e enxofre” com todos os seus seguidores (Ap 20). O fiel se mantém, na medida do possível, afastado de todas as tentações, procura cumprir a ordem do Senhor ausente que é de “pregar o evangelho a todas as nações”, (condição para que a sua volta aconteça Mc 13,10). Também para os que assim crêem há o transcurso de um plano imutável, ao qual ninguém pode se opor. Será esta uma resposta adequada?

**c) O Deus conosco:** Há uma outra maneira de responder teologicamente à crise do nosso mundo. Esta não restringe Deus ao princípio, nem ao juízo final. Mas encontra-o encarnado aqui na nossa situação, no sofrimento, nas dificuldades, nas alegrias que os homens vivem. Encarnado no passado, no presente e no futuro do homem. Lemos em João 3,16ss:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna. Porquanto Deus mandou o seu filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”

E o apóstolo Paulo escreve:

“Pois ele (Cristo), subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.” (Fp 3,6-8)

Não é esta uma certeza comprometedora, alentadora, confortante? Deus se fez homem, veio a este mundo, se humilhou, sofreu perseguição e morte. Veio não para julgar, mas para salvar o mundo. Está aqui, conosco, sofrendo, temendo, lutando. Se encarnou nas nossas ânsias, desceu aos infernos do desespero e da desolação que nós sentimos, não por mera compaixão, mas para tirar-nos de lá. Está empenhado conosco na caminhada histórica para um



mundo melhor, mais justo, mais confortante, e na sua ressurreição, na comunhão com ele já temos os sinais visíveis deste mundo, vislumbrado, na esperança, como um "novo céu e uma nova terra" (Ap 21,1). Deus está conosco – esta realidade compromete e obriga. Ele quer o bem e a salvação de todos os homens – desta humanidade caída e pecaminosa. Esta é a grande promessa. Ele não está lá, longe de nós, nos céus, no seu reino, aguardando que nós cheguemos lá, mas está aqui correndo conosco para alcançar o alvo.

Se nós aceitamos esta fé, se cremos neste Deus conosco, sem dúvida surgirão conseqüências. A primeira delas será um comprometimento com os homens e sua situação dentro do seu mundo. Não só com os homens do presente, mas também as gerações futuras. Com os nossos filhos que têm o direito de receber, em herança, um mundo dentro do qual dá para viver. Os nossos olhos se abrirão, então, para as injustiças que sofre o nosso irmão e para as chagas que infligimos à nossa terra. Ou melhor, o Deus conosco nos abrirá os olhos, pois "não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia." (Rm 9,16). E através dessa misericórdia de Deus chegaremos ao arrependimento, a uma mudança de atuação frente ao próximo e ao mundo. Aprenderemos que o "dominai a terra" não é uma ordem de destruição, mas uma exortação à responsabilidade. Experimentaremos que "ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Cl 1,13) e que "despojando os principados e as potestades, publicamente as expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2,15). Como cidadãos do reino do Filho estamos, portanto, libertados de qualquer sujeição a potestades desse mundo, sejam eles as imposições do consumismo capitalista, as aparentemente imutáveis leis da economia de mercado, as exigências do processo produtivo, as obrigações de uma classe social ou as coações de interesses políticos conflitantes ou de Segurança Nacional. Estamos livres para agir, não em favor dos nossos interesses – que geralmente nos são impostos pelas potestades acima mencionadas – , mas em prol do mundo melhor que almejamos.

#### **4. UM NOVO ESTILO DE VIDA**

Mas chega de grandes palavras teológicas. É necessário trocá-las em miúdos. A libertação e motivação que apontamos acima deve ter conseqüências práticas, tanto na vida das sociedades e culturas quanto na vida particular de cada um. O editorial do Jornal Evangélico, acima mencionado, diz: "A busca de alvos materiais já não deverá determinar o estilo de vida e seu sentido último." E

aponta para um novo estilo de vida coerente com o Evangelho que deveremos achar.

Sem dúvida isso é mais do que urgente. Certo, também, é que esse novo estilo de vida exigirá, de certos grupos de pessoas, desistência de vantagens e privilégios (mas em troca, outros grupos terão mais justiça). Exigirá, de certas nações, mais sensatez e responsabilidade. Exigirá, enfim, uma modificação do sistema de valores em nível universal, social e individual. Só se ocorrer essa modificação de valores podemos ter esperança que a adaptação do sistema mundial à nova situação de escassez – se essa ainda for possível – se realizará através de um processo evolutivo, e não de maneira catastrófica. Não me é possível descrever exatamente o novo estilo de vida que devemos procurar, mas posso delinear alguns valores fundamentais que devem orientá-lo:

1. Devemos aprender a pensar em dimensões universais, internacionais. No mundo que construímos, os fatores negativos que atingem uma nação também têm os seus efeitos sobre todas as outras. O que é ruim para a Argentina, não pode ser bom para o Brasil, também se assim nos parece ser à primeira vista. Os países industrializados que parecem beneficiar-se da exploração dos países subdesenvolvidos sem dúvida sentirão, mais cedo ou mais tarde, as conseqüências negativas dessa atitude. A fome na África, o sofrimento dos fugitivos no sudeste asiático devem preocupar-nos como se acontecessem na nossa vizinhança. Esse pensamento universalista torna-se especialmente difícil num mundo dividido como o nosso. Os países capitalistas facilmente se convencem de que o mal que acontece nos países comunistas resultará em seu proveito. Os países pobres se alegram se os ricos entram em apuros, e não vêem os efeitos negativos que estes mesmos apuros terão para eles. O pobre brasileiro pode se alegrar que o rico dono de automóvel agora tem que pagar um preço alto pela gasolina, esquecendo-se que, através da inflação, ele mesmo paga esse preço.

2. Portanto, não será possível um pensamento universalista, de responsabilidade conjunta dos homens com o seu mundo, sem que sejam abolidas as grandes diferenças sociais e econômicas existentes entre os homens e as nações. Só me poderei solidarizar efetivamente com o meu próximo, se tenho a clara sensação de estar no mesmo bote com ele. Como o peão da construção civil poderá ter essa sensação em relação ao empresário que vive num mundo completamente diferente do dele? É urgente criar condições de maior igualdade de chances e de posses nas nossas sociedades. E já que, no futuro, não haverá fartura e riqueza para todos, essa igualdade deverá realizar-se num nível de vida simples e frugal, não

no nível dos ricos. A riqueza material e o luxo devem tornar-se, na nossa consciência, uma coisa desvalorizada, abominável. Em troca, devemos valorizar a riqueza espiritual e intelectual, a sensibilidade para as belezas simples.

Não se trata, naturalmente, de glorificar a pobreza. Não há nenhum mérito na pobreza; ela significa dor, sofrimento, e é, nos seus efeitos sobre a pessoa, tão condicionante e desmoralizante quanto a riqueza. As necessidades materiais básicas do homem não podem ser contestadas; sabemos, porém, que os ricos já ultrapassaram em muito o limite das necessidades básicas.

3. Será necessário desenvolver uma nova ética de consumo, uma ética que promove um estilo de vida adequado à escassez de recursos em que viveremos. A efemeridade dos nossos produtos, a constante troca dos nossos utensílios, a seqüência exagerada das nossas modas deverá dar lugar à durabilidade e resistência. Quanto tempo durava uma carroça na colônia, um armário, uma mesa de jantar, e quanto tempo duram os nossos carros, geladeiras, batedeiras? E pior ainda, o homem moderno sente-se envergonhado quando ele anda mais de três anos com o mesmo carro! Em troca dessas atitudes devem ser promovidas virtudes como a poupança, a conservação, a simplicidade.

4. Os homens têm que aprender a viver em harmonia com a natureza, em lugar de querer dominá-la. Em vez de considerarem-se donos da criação de Deus, eles têm que entender que eles fazem parte da criação de Deus e só com ela podem sobreviver.

5. Se o homem, como espécie, quer sobreviver, ele hoje deve estar disposto a desistir de vantagens e luxos em favor das gerações futuras. Em outras palavras, se eu quero que os meus filhos tenham a chance de andar de automóvel, devo hoje desistir de acelerar o meu carro. E se desejo que os meus filhos vejam os saltos do Guaíra, devo impedir que se construa uma represa que os afunda.

Está claro que essas novas orientações só terão efeito quando assumidas por grandes massas humanas, isto é, trata-se da necessidade de transformar a orientação ética de toda uma sociedade, em especial daquela parte da humanidade que vive na abundância. Mas sabemos também que toda reorientação ética – que não seja imposta à força – tem que iniciar com uma tomada de posição de indivíduos e grupos pequenos (aquilo que o NT chama de metánoia). Nesse sentido quero lançar algumas perguntas dirigidas a nós como indivíduos:

1. Estamos conscientes de que ao jogar fora um saquinho de leite, ao acelerar o nosso carro, ao jogar o nosso lixo nos rios, ao usar inseticidas e herbicidas, ao exigir mais e mais energia elétrica para o nosso conforto, estamos minando as bases de sobrevivência

dos nossos filhos e do nosso próximo? Estamos conscientes que consumimos o mundo que é de todos? Estamos dispostos a trocar a excursão dominical de automóvel pelo passeio no parque próximo?

2. Já nos perguntamos se talvez não estamos gastando uma parte exagerada dos recursos para nós? A nossa relativa fartura não significa privação para o próximo? Sei que é difícil definir o que é suficiente, o que é pouco e o que é demais. Mas acho que a nossa renda e o nosso consumo deverão orientar-se na média do que está disponível no mundo ou no nosso país. Se as estatísticas estão certas, que dizem que a renda per capita do Brasil neste ano, será de mais ou menos US\$1.800,00, que dá Cr\$50.000,00 por cabeça, devo perguntar-me se a minha renda familiar anual não foge demais desse parâmetro. Estamos dispostos a dividir, a ceder o que nos sobra? Está aí, a meu ver, o âmago da questão: estamos dispostos a dividir, a compartilhar os recursos, o poder e as capacidades que Deus nos deu?

No Evangelho encontramos o belo relato que, na Bíblia de Almeida, leva o título "a multiplicação dos pães" (de fato o relato não fala de multiplicação). Grande multidão estava no deserto com Jesus. Caíra a noite e os discípulos, preocupados, falaram ao mestre: "Senhor, despede a multidão para que achem alimento nos arredores." Jesus lhes disse: "Dai-lhe vós mesmos de comer." Eles responderam: "Mas nós só temos cinco pães e dois peixes, e são mais que 5.000 pessoas. O que temos, mal dá para nós." E Jesus ordenou: "Tragam os pães e os peixes." E erguendo os olhos para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem entre o povo. E todos comeram e se fartaram.

Onde se recebe em gratidão e se divide em solidariedade, sobra para todos. Onde uma minoria quer guardar o seu quinhão e excluir os outros, surge miséria, depredação, ódio. Isso vale para o mundo de hoje como na antiga Palestina. Será que temos ainda tempo suficiente para aprender isso antes de destruir o nosso mundo?